

Luísa Cunha e Rem Koolhaas

Escrito com o corpo

Na Casa da Música a artista Luísa Cunha estabelece um diálogo irónico e intenso com a arquitectura do lugar e com a ideia da musicalidade se transformar na categoria fundamental de compreensão do espaço.

Não se trata de uma exposição ou uma das tão em voga instalações, mas sim do diálogo que um corpo estabelece com um espaço: este é uma grandeza arquitectónica, conjunto de linhas, volumes e cores que incitam ao movimento e à reflexão. A arquitectura surge enquanto possibilidade do espaço pensar sobre si próprio, ou seja, trata-se do momento em que as grandezas espaciais deixam o seu lugar seguro e definitivo nos sistemas humanos e são levadas, através de um dobrar-se sobre si auto-reflexivo, a colocar-se em questão.

Não é que o gesto arquitectónico, vertiginosamente próximo do gesto escultórico, esteja continuamente a pensar a sua própria existência, mas é próprio dos mestres do espaço – pense-se, sobretudo, nos escultores e nos arquitectos – radicalizar a sua própria possibilidade: a cada novo projecto (e recorde-se a importância deste conceito na arquitectura e em muita da escultura) assiste-se a uma expansão do horizonte, a uma abertura para novas possibilidades, para novos diálogos e novas linguagens plásticas e formais.

Está sempre em causa um espécie de escrita. Esta é uma boa metáfora porque permite o encontro de espécies diferentes de gestos: todas as coisas, de algum modo, têm uma assinatura, uma letra e uma escrita que lhes pertence. Neste caso trata-se do encontro (ou será confronto?) entre a artista Luísa Cunha e o arquitecto Rem Koolhaas. Pode pensar-se que o arquitecto serve somente como albergue para a obra da artista, como uma espécie de ventre dentro do qual a escultora desenvolve uma intensidade e materializa um pensamento. Mas o que acontece é que o diálogo é a chave que permite chegar perto da relação estabelecida entre ambos. Por isso a intervenção de Luísa Cunha é tão discreta enquanto imagem (pode mesmo tornar-se invisível), mas explosiva enquanto olhar sobre as características espaciais que o arquitecto imprimiu naquele lugar. Para a artista não se tratou de acrescentar uma imagem ou um plano ao volume. A sua acção é filha de uma inevitabilidade interna, uma resposta imediata e espontânea aos estímulos (abstractos, sensíveis e morais) que a arquitectura de Rem Koolhaas lhe provoca.

São estímulos abstractos porque a levaram a pensar acerca do espaço e sobre construção de um ponto de vista sobre o que é ocupar um lugar. São sensíveis porque dão corpo a um modo particular de sentir aquilo que a rodeia e morais porque a intervenção de Luísa Cunha tem a natureza de uma fuga para fora da arquitectura, logo uma recusa desse sistema particular de valores. Realce-se que não é uma fuga para fora do espaço. Desde

sempre que se sabe desta impossibilidade: ter um corpo é estar preso a ocupar um espaço. Trata-se, sobretudo, da fuga à imposição de limites e, sobretudo, à tirania sobre o movimento, isto é, para Luísa Cunha a arquitectura da Casa da Música, através dos múltiplos espaços, é uma restrição às posições do corpo: lá só se pode estar de pé ou sentado, entrar-se e sair-se.

Trata-se de uma ironia que complementa uma outra ironia. A Casa da Música é uma construção irónica, muitas vezes as opções – os órgãos do auditório são falsos, os azulejos tipicamente portugueses, a talha dourada barroca, o brilho do vidro, do chão e das cadeiras – podem ser entendidas como uma brincadeira cuja fronteira entre a solução grandiosa e o mau gosto é ténue. À simplicidade e vigor das grandes opções formais (de que se dá facilmente conta através da percepção do exterior), sucede-se uma manipulação irónica da tradição local e global. A leitura supostamente minimal do objecto arquitectónico, transforma-se em motivo de júbilo irónico (por vezes cínico). A pele que cobre o auditório – centro nevrálgico a partir do qual se desenvolvem todos os outros espaços – é densa e impositiva. E é nela que Luísa Cunha escreve e, assim, rasga essa pele e aumenta o espaço.

A escrita da artista portuguesa é, talvez contagiada por Koolhaas, uma profunda ironia: primeiro com a arquitectura, depois com a própria ideia de composição musical. No primeiro plano, o desafio colocado à artista resultou na escrita de palavras que, semelhantes a exercícios de adestramento, incitam à realização de uma acção. A porta da entrada principal da Casa da Música, pela qual quase nunca ninguém passa (será outra das ironias do arquitecto?), ou seja, uma porta quase não porta mas quase janela, é feita de vidro: uma enorme abertura que Luísa Cunha preencheu com as frases “walk in” e “walk out”. Escritas a preto e cinzento, estão coladas no vidro e são uma espécie de metáfora acerca do acesso ao interior do espaço. As frases repetem-se como se fossem variações contínuas de um mesmo tema e preenchem a totalidade do espaço disponível. Num segundo espaço, uma janela, sob o comprido, dá-nos o céu se estivermos sentados e se em pé tem-se vêem-se os telhados variegados das construções envolventes: à semelhança da primeira intervenção, Luísa Cunha escreve “stand up” e “seat down”. Em ambos os casos parecemos estar a lidar com redundâncias linguísticas: por uma porta ou se entra (walk in) ou se sai (walk out), num bar ou estamos sentados (seat down) ou de pé (stand up). Excluídas que parecem estar as outras hipóteses de movimento e ocupação espacial, descobre-se um outro nível de relação destes trabalhos com a Casa da Música: a composição aqui em causa, que se consegue perceber pela variação mínima de cor (preto nuns casos, cinzento escuro noutros) e pela repetição, é parente dos métodos compositivos da música contemporânea. A repetição presente nestes dois trabalhos corresponde a uma espécie de escrita musical. Não é por acaso que estas intervenções tem como título “partitura”.

Compor musicalmente o espaço parece ser a síntese destes trabalhos: a repetição contínua das palavras, de acordo com aquilo que podemos supor ser uma espécie de sugestão rítmica, transforma-se numa melodia peculiar. A cada nota corresponde a acção de extrair à linha arquitectónica o ritmo musical e ao volume de Rem Koolhaas passam a corresponder entoações e vibratos vocais. Movimentos estes com os quais o sujeito –

todos nós que dizemos/entoamos as palavras de Luísa Cunha e percorremos os espaços de Rem Koolhaas – não só descobre o espaço, mas se descobre a si mesmo. A arquitectura – e é isto que Luísa Cunha tão bem consegue perceber e transformar em seu território – trata não só de dar origem a um conjunto de experiências e sensações espaciais, mas transforma-se na ocasião da descoberta que cada um faz de si próprio: sente-se o mundo e, simultaneamente, a si próprio, isto é, que se tem um corpo e se ocupa um lugar. É uma descoberta fundamental porque diz respeito à consciência do limite espacial ao qual corresponde a descoberta dos ingredientes da intimidade. Por isso a afirmação de Luísa Cunha “isto foi escrito com o corpo” é, na sua economia desconcertante, a melhor apresentação deste seu trabalho e da possibilidade do gesto escultórico e arquitectónico: não há escultura nem arquitectura que não seja uma escrita com o corpo.

Partitura
Luísa Cunha
Casa da Música
Porto
Até 22 de Abril